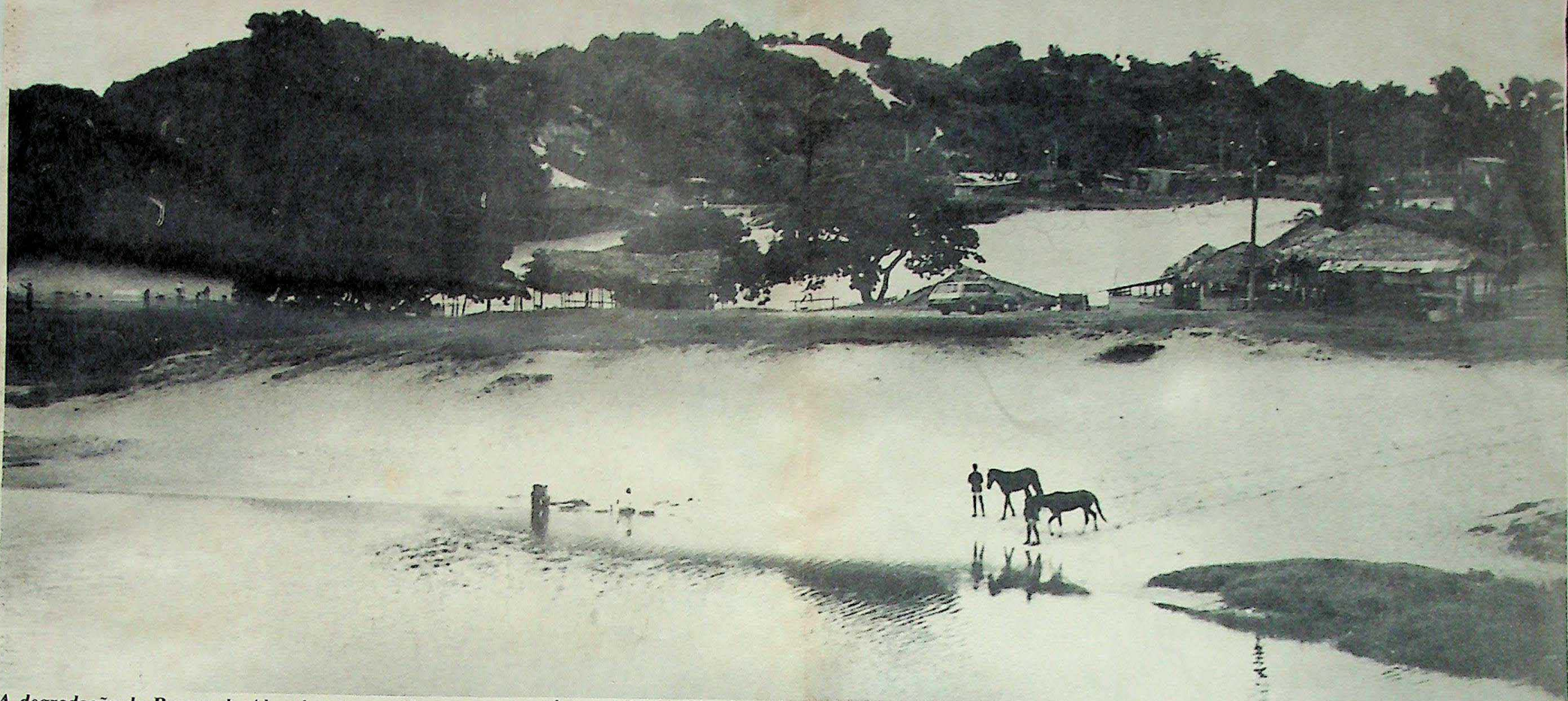
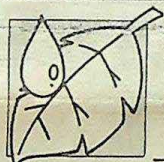




A degradação do Parque do Abatê se tornou tão grave que motivou a criação de um grupo para lutar pela preservação da área. Queimadas, invasões e desmatamento são constantes

Incêndio destrói vegetação do Abatê



Várias espécies de árvores e plantas foram queimadas em uma área de 500 metros

Moradores de Itapua foram surpreendidos no último sábado quando um casal resolveu incendiar uma parte da vegetação do Parque do Abatê. A queimada atingiu uma área de 500 metros e só não causou maiores danos porque havia pouco verde no trecho e o fogo apagou sozinho. O incêndio transformou em cinzas mudas de árvores e de outras espécies vegetais plantadas pelo Grupo Nativo de Itapua, que luta contra esse tipo de crime e outros registrados com frequência no local.

Os cajueiros, as mangueiras, as massarandubas, os cambuis e os pés de licuri estavam reaparecendo com a iniciativa do Grupo Nativo de plantar as mudas, há seis meses, em uma área do Parque de Abatê, já destruída. Mas o local foi novamente agredido por um casal não-identificado. Os moradores da área só foram perceber o incêndio quando nada mais podia ser feito.

Despachos — As queimadas no Parque do Abatê não

são recentes. As queimadas acidentais, como classifica Cleber José Fonseca da Silva, do Grupo Nativo de Itapua, acontecem com mais frequência por causa dos despachos dos adeptos do Candomblé. "Eles colocam o despacho e não protegem com areia a vela acesa, que cai com o vento e queima a vegetação", explica ele. Outro motivo é o surgimento das invasões. "Os invasores não são nativos e acham que não têm nenhum compromisso com o Parque. Por isso, eles não pensam duas vezes em colocar fogo para limpar o terreno e se instalar", afirma Cleber José.

Há mais ou menos seis anos, várias espécies da vegetação nativa desapareceram. O guajeru, a massaranduba, o cambui foram sacrificados com o aparecimento da invasão Castelinho, com mais de 100 barracas. Para Cleber José, a recomposição da vegetação destruída é quase impossível. "Um triste exemplo foi a tentativa de recuperar pelo menos 50% do que estava perdido e agora foi destruído novamente", lamenta Cleber José.

Segurança ainda é precária

A segurança no Parque do Abatê durante parte do dia fica entregue à Polícia Montada — apenas uma dupla — e a cinco vigilantes da prefeitura municipal. Mas à noite, quando aumentam os riscos de destruição da vegetação, não fica ninguém para tentar proteger o Parque do Abatê.

Sem equipamentos de trabalho, os vigilantes da prefeitura pouco poderiam fazer para controlar a violência na área. O barracão, onde estão instalados, não tem água, luz, nem telefone. Segundo o vigilante José Ramos da Silva, há três anos

nesta atividade, seu trabalho resume-se a olhar a área e evitar as invasões. "A gente dá uma volta no local de manhã e de tarde", informa.

Da Polícia Montada também pouco se pode esperar. Segundo Cleber José Fonseca da Silva, do Grupo Nativo, os policiais são encarregados apenas do policiamento ostensivo, não se importando com a preservação do Abatê. Na opinião de José Ramos da Silva, o serviço de vigilância teria mais efeito caso a Polícia Montada se compromettesse também a olhar mais para o verde.



O incêndio destruiu diversas mudas de árvores e várias espécies vegetais plantadas para reflorestamento do Parque

Grupo luta contra degradação

O Grupo Nativo, Desportivo, Cultural e Ecológico de Itapua surgiu há dois anos, preocupado com "a degradação de Itapua e principalmente do Abatê", segundo Cléber José Fonseca da Silva. Ele próprio emprestou seu atelier, na Ladeira do Abatê, para funcionamento da sede do grupo que vem tentando, através de várias promoções,

sensibilizar as autoridades para a importância da preservação do Abatê.

O trabalho dos seis membros do grupo é difícil, pois eles enfrentam constantemente os invasores do Parque do Abatê, mas, como revela Cléber José, eles contam às vezes com o apoio de alguns comerciantes do local. Um dos conflitos com

os invasores, segundo ele, aconteceu há mais ou menos um ano quando foi feito um mutirão de limpeza na lagoa. O presidente da invasão Castelinho resolveu lançar no mesmo momento outro mutirão, mas as pessoas estavam arrancando os juncos da lagoa, que servem de abrigo para os peixes, ao invés de limpá-la.

"Esse é um dos muitos problemas enfrentados pelo grupo", diz Cléber José. O grupo, cujo presidente é Antônio Conceição, também não encontra apoio de entidades ecológicas. Uma das últimas promoções para a preservação da área foi a Segunda Travessia da Lagoa do Abatê, que aconteceu há duas semanas.